

A vida como obra*

Beth Lobo

Feitas as contas era assim que ela se via e definia. Uma moça bem comportada, decidida a viver a liberdade, dilacerada entre o gosto da vida e a angústia.

Esta vontade dividida é a marca de sua vida/obra, obra/vida. A obra é a memória da vida, uma forma de fixar e reter a força da idade, a força das coisas, a cerimônia do adeus.

É ao mesmo tempo a trajetória refletida de uma moça bem comportada até a consciência do segundo sexo.

Vou fazer 32 anos, sinto-me uma mulher feita. Gostaria de saber que mulher. Em que medida sou mulher ou não sou? Como me situo frente ao mundo?... Querendo falar de mim, percebi que era preciso descrever a condição feminina...

Assim a obra acompanha a experiência vivida da ruptura com o destino da moça bem comportada e o tornar-se Simone de Beauvoir.

Num primeiro momento, uma moça bem comportada se propõe lutar contra um destino pantanoso e ganhar a liberdade. Porque se trata de uma mulher, os caminhos da liberdade não estão delineados. Ao contrário, tornar-se mulher é sobretudo negar-se como viver autônomo, contentar-se em ser uma espécie de obscuro e misterioso objeto da natureza que a sociedade disciplina, às vezes com rigor, outras com complacência. Ser uma “eterna criança”, que finge inocência num jogo perverso de relações e poderes.

* Este artigo foi publicado no número especial do *Leia* – O “segundo sexo” e a literatura – Ano VIII, nº 91, maio de 1986, p.27.

A vida como obra

A vontade da liberdade no feminino começa por destruir a moça bem comportada, aplicada e séria, por romper com o destino que flui e armar uma história. Escrever é parte desse trabalho. E as memórias e romances de Simone de Beauvoir acompanham essa construção. São parte dela tanto quanto a escolha da filosofia, da profissão ou das viagens. Talvez, mesmo se não tivesse sido escrito, *O Segundo Sexo* seria o tema privilegiado de uma obra voltada para a experiência do viver no feminino.

Nesta leitura, a preocupação com a transparência toma o sentido de um método que ilumina a arquitetura da experiência, guardando a ambigüidade, que tanto choca os juizes das verdades absolutas. As memórias mostram claros e escuros, o empenho da moça Simone em se tornar independente e profissional, o reconhecimento do companheiro “mais velho, mais experiente, que nunca parava de pensar”. Defeito, fraqueza, contradição, fracasso? Serenamente, nem mais nem menos do que dois instrumentos diferentes. “Já é tão belo que nossas vidas tenham podido afinar por tanto tempo.”

A produção literária voltada para a memória da vida remete assim a esta construção particular de uma identidade no feminino. E *O Segundo Sexo* é um segundo ângulo dessa trajetória. “Querendo falar de mim, descobri que era preciso escrever sobre a condição feminina”. Apesar do tema ser irritante, principalmente para as mulheres. Justamente porque desfaz belas imagens. Um esforço irritante de não-complacência, desfazendo modelos e discursos ao nomeá-los. Trabalho de “mulher chata”, nem discreta nem misteriosa, que sequer tem a desculpa de ser feia.

Com *O Segundo Sexo*, a obra e a vida encontram a história. Significativamente, a prática política que os tempos da resistência impuseram aos intelectuais franceses como “herança sem testamento” – arrancando-os da “opacidade triste” da vida particular para o compromisso da ação (René Char) – para a mulher Simone de Beauvoir se desdobra no feminismo. “Me tornei feminista sobretudo depois que o livro (*O Segundo Sexo*)

passou a existir para outras mulheres”. A face política do feminismo se revela como luta que questiona cada um(a) de nós na sua intimidade mais profunda e no que nos parece mais certo, que contesta nossos desejos e até nossos prazeres e que, justamente por nos dilacerar, derruba nossas resistências e nos abre novas verdades.

Ao iluminar sua vida, do negativo revelado surge a imagem, a experiência vivida sai da obscuridade e desvenda seus mistérios tanto quanto suas relações com o mundo. “Quis existir para os outros, comunicando da maneira mais direta o gosto da minha própria vida”. Este gosto passava tanto pela experiência do ciúme quanto pela guerra da Argélia. O feminismo não está só nos temas femininos, mas na trajetória de uma mulher que teve a ousadia de querer pensar como ser humano. Irritante, chata e pretensiosa.

Se a vida é pois matéria da obra, pode ser abertamente matéria de política e de revolução, pode haver uma coincidência luminosa entre a grande história e a pequena história. Seriam estas as promessas com que a moça bem comportada afligia seu coração vendo a seus pés a vida por viver? Terão sido cumpridas? “Consegui em parte”, parece ser, feitas as contas, a conclusão de Simone. A moça bem comportada, diz ela mesma, foi muitas vezes trapaceada; as obras foram mal compreendidas ou esquecidas; a vida, criticada; a intenção da transparência, denunciada como mesquinha e cruel.

Mas é justamente esta coincidência da moça Simone com seus tempos, de uma trajetória com a história, que faz a originalidade e a força de sua obra. Importante para as moças bem comportadas que enfrentaram a guerra das famílias e dos costumes. Para os (e as) intelectuais que se jogaram na política. Para quem descobriu que as relações entre os sexos podem ser de prazer e poder. Terá sido apenas uma geração?

Queiramos ou não, somos as descendentes desta mulher sem filhos, desta velha senhora de turbante fora de moda, de olhar tenso, que, obstinadamente, durante mais de 60

A vida como obra

anos, apesar das calúnias, insultos e do desprezo, afirmou que nascer mulher não é um erro. (Josiane Savigneau)

Ela não fará parte daqueles tempos, de que fala Hanna Arendt que, como antigos tesouros, em condições diversas, irrompem, abruptos e inesperados, para de novo desaparecer, qual fogo fátuo, sob circunstâncias misteriosas.